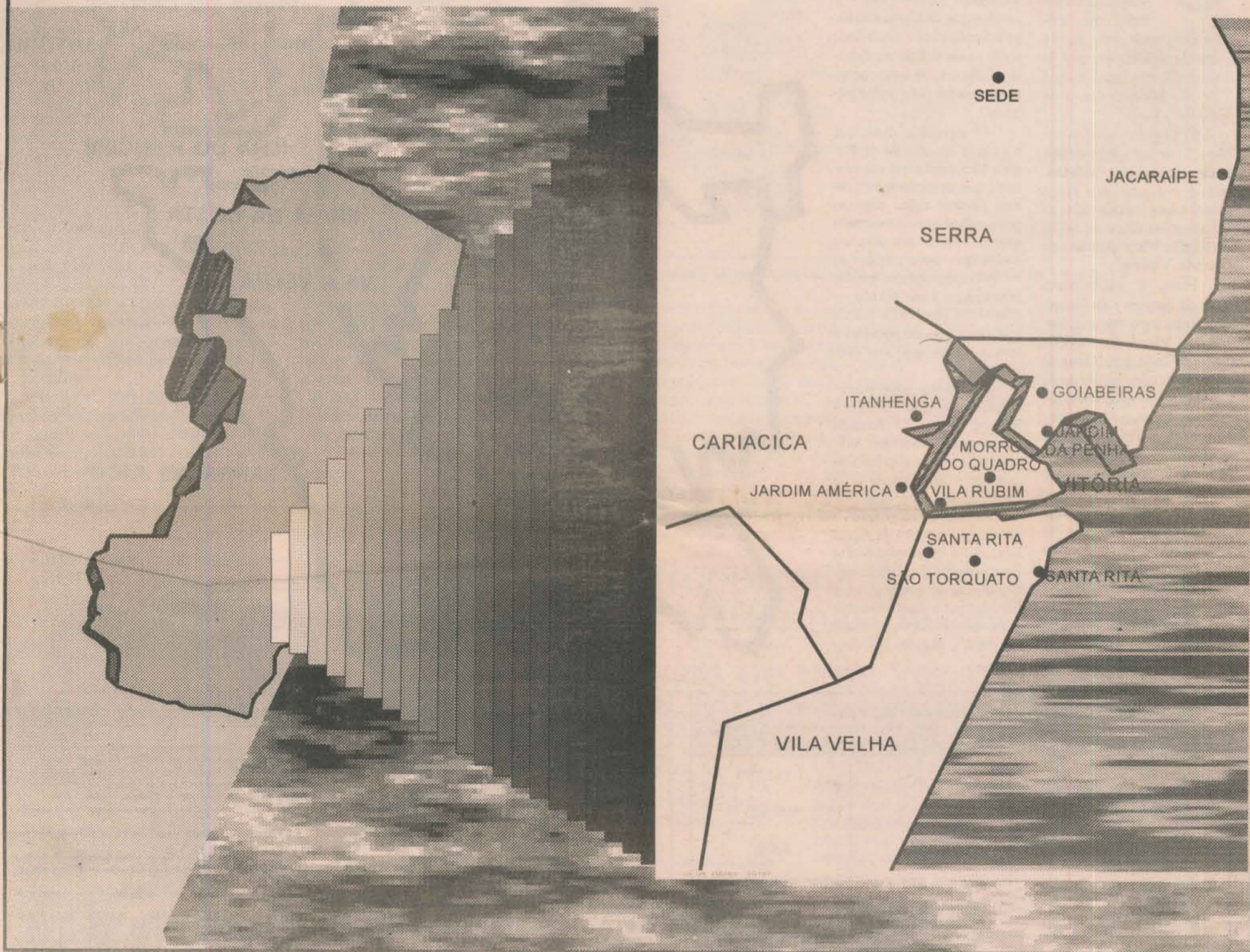


AJ13675-1

# REGIÃO METROPOLITANA



# Projetos editoriais para resgatar a nossa história

**Outros cinco suplementos especiais trarão todas as informações sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória**



O jornal A Tribuna, dando continuidade a sua série de projetos editoriais publicados nos últimos dois anos, resgatando parte da história recente do Espírito Santo, lança a série "Região Metropolitana da Grande Vitória".

O projeto prevê a publicação de uma série de seis suplementos, que circulam hoje e nos próximos cinco meses e que trarão todas as informações sobre a criação da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Hoje, o suplemento trata da história e da formação dos cinco municípios: Vitória, Viana, Serra, Vila Velha e Cariacica. Além de mostrar as características de cada uma das cidades, de sua economia e infraestrutura, o caderno expõe a importância do Porto de Vitória no desenvolvimento da região.

O próximo suplemento mostrará o processo de industrialização da Região Metropolitana, seus benefícios e problemas gerados por ele.

O secretário estadual de Planejamento e Ações Estratégicas, Magno Pires,

elogiou a iniciativa de A Tribuna. "Considero de importante necessidade abrir o debate para toda a sociedade", disse Pires. "É preciso que os atores sociais, principalmente a sociedade civil, possa influir no debate e informar-se sobre os temas tratados pelo poder público".

O secretário disse que o projeto de criação da Região Metropolitana vai permitir que os municípios possam decidir ações comuns para solucionar problemas graves. Pires acrescentou ainda que esses problemas — como transporte, saúde, educação e saneamento — não serão resolvidos sem a contrapartida do governo e sem a cooperação dos municípios.

O diretor-superintendente do Instituto Jones dos Santos Neves, Fernando Sanchotene, também elogiou a série "Região Metropolitana". Sanchotene acha fundamental que essa discussão chegue ao público e espera que os debates sejam estendidos a outros veículos de comunicação. "Pela tradição oral de nosso povo, é preciso que a discussão seja feita na televisão e no rádio também", sugeriu Sanchotene.



## Quadro Comparativo\*\*

	Espírito Santo	Grande Vitória
População .....	2.665.042	1.131.793
Eleitores .....	1.726.761	698.283
Taxa de crescimento .....	2,3%	3,8%
Energia (consumo) .....	4.092.498.670 Kwh	2.690.592.297 Kwh
ICMS (em US\$) .....	173,615,184.59	

\* Dados do Departamento Estadual de Estatística, referentes a 1993

## Veja onde ler sobre a história da Grande Vitória

O Instituto Jones dos Santos Neves, o Arquivo Público e a Biblioteca da Universidade Federal têm os melhores títulos sobre o assunto. Abaixo, a lista de livros e monografias consultadas nesse trabalho.

"A Obra dos Jesuítas no Brasil" — Heraldo Balestrero  
 "O Povoamento do Espírito Santo" — Heraldo Balestrero  
 "Cariacica (resumo histórico)" — Omyr Leal Bezerra  
 "Escravidão e Transição do Espírito Santo (1850 — 1888)" — Vilma Paraíso Almada — Edições Graal, Rio de Janeiro, 1984

"As Interfaces da Grande Vitória com o Projeto Político de Institucionalização das Regiões Metropolitanas do Brasil" — Aparecida Netto Teixeira — IJSN

"Os Agentes Econômicos do Processo de Metropolização de Vitória (ES)" — André Tomoyukiabe — USP  
 "História do Estado do Espírito Santo" — José Teixeira de Oliveira

"História do Espírito Santo" — Maria Stella de Novaes  
 "Efemérides Nacionais" — Teixeira de Mello

"Vitória — Trajetória de uma Cidade" — Carol Abre  
 "Logradouros Antigos de Vitória" — Elmo Elton  
 "Geografia do Espírito Santo" — Cícero Moraes  
 "Desenvolvimento do Porto de Vitória — 1950 — 1993" — Maria da Penha Siqueira — Coêsa, Vitória, 1994.  
 "De Vasco Coutinho aos Contemporâneos" — Levy Rocha  
 "Geografia do Espírito Santo" — Versal Editora, Vitória, 1979

"A Capitania do Espírito Santo e seus Engenhos de Açúcar (1535 — 1700)" — José Gonçalves Salvador — FCAA (Ufes), Vitória, 1994

"Segunda Viagem ao Interior do Brasil" — Auguste de Saint-Hilaire  
 "Reminiscências da Serra (1556 — 1983)" — Naly E. Miranda — Serra, 1984

"Insurreição do Queimado — Episódio da História da Província do Espírito Santo" — Afonso Cláudio — FCAA, Vitória, 1979 — reedição da obra de 1884.

# A união econômica é bem mais antiga

*Os limites das 5 cidades se confundem desde os anos 60, quando os grandes projetos nacionais foram implantados pelo governo*



A criação da Região Metropolitana é uma decisão política recente, mas a união econômica e espacial de Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra e Viana é bem mais antiga. Desde que os grandes projetos econômicos, implantados nos anos 60, se transformaram na seção capixaba do "milagre econômico", os limites dessas cidades se confundem cada vez mais. É difícil saber onde começa um município e termina outro.

Essa confusão territorial faz a Grande Vitória parecer um anão. As cidades se apertam em 1.415 km de território, que representam 3,2% de toda a área do Espírito Santo. Só que o provérbio "tamanho não é documento" parece feito para a região. A economia, ao contrário da geografia, é gigante. Concentra as principais empresas, a única universidade e metade do ICMS do Estado.

Cerca de 40% da população do Espírito Santo escolheram viver ou foram empurradas para uma das cinco cidades da região. É um mercado de 1,2 milhão de pessoas e são, igualmente, 1,2 milhão de cidadãos exigindo transporte, água, energia e segurança de qua-

lidade. Gente que se sente como uma célula, num bolsão onde borbulham sonhos individuais e coletivos com a mesma intensidade com que circulam frustrações, violência, dinheiro e indiferença.

Gente, ao mesmo tempo, jovem. Exatos 63% da população têm menos de 30 anos. Somadas as pessoas com menos de 40, esse índice salta para 80%. Cerca de 20% têm menos de 15 anos.

## ENERGIA

Qualquer número da Grande Vitória, comparado ao resto do Estado, impressiona. O consumo de energia chega a 2,6 bilhões de Kwh por ano. A produção de lixo ultrapassa as 500 toneladas por dia. Os sistemas de transportes cruzam as cidades carregando 15 mil passageiros por mês. Em 1993, antes do Plano Real e dos recordes de produção da indústria automobilística, 181.487 automóveis circulavam pelos 151 km de rodovias federais e estaduais que cortam a Região Metropolitana.

Mas é nas ruas — e não nos números — que se sente essa união. Quantas pessoas você conhece — senão você mesmo — trabalham numa cida-



O secretário Magno Pires faz parte da equipe do governo de Vitor Buaiz

de, moram em outra e se divertem numa terceira? Não existem dados exatos que respondam a essa pergunta, mas pode-se dizer que são muitas, o que dificulta a administração de cada cidade. Construir um hospital, pavimentar uma rua, contratar policiais — numa região como essa — deixa de ser um problema municipal. Qualquer ação — positiva ou negativa — em qualquer cidade, desencadeia reações em todas as outras. Benefícios e ônus são compar-

tilhados — queiram ou não os moradores e os prefeitos dos cinco municípios.

O secretário de Planejamento e Ações Estratégicas do governo do Estado, Magno Pires, resume o significado da Região Metropolitana: "Além da ação consorciada para resolver os problemas, a criação da Grande Vitória aumenta o poderio dos municípios na hora de captar recursos junto à União".

## A Região Metropolitana da Grande Vitória vai levantar os problemas de cinco cidades.

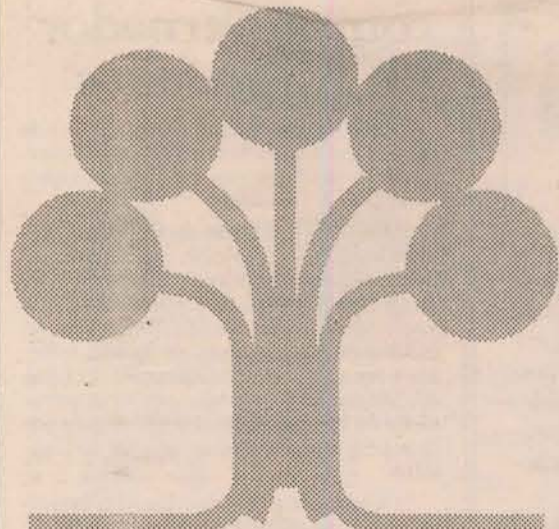
### Para resolvê-los de uma vez por todas.

Vitória, Cariacica, Serra, Vila Velha e Viana têm os mesmos problemas: saúde, transporte, habitação, saneamento, segurança, crianças abandonadas. O que afeta um município afeta outro. A solução isolada de qualquer problema em uma cidade pode significar o seu agravamento na cidade mais próxima.

A criação da Região Metropolitana da

Grande Vitória vai resolver os problemas de maneira integrada, considerando os interesses de todos os municípios, com vantagens para todos e sem prejuízo de ninguém.

A implantação definitiva da RMGV vai permitir que a ação integrada das prefeituras e do governo possa enfrentar os desafios. E encontrar soluções definitivas, que tragam benefícios diretos para toda a população.



**REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA**

**ESPIRITO SANTO**  
GOVERNO DO ESTADO

# INCHAÇO POPULACIONAL

**A crise cafeeira, aliada ao processo industrial, empurrou os moradores da zona rural para as grandes cidades**



O inchaço da Grande Vitória começou nos anos 50. A crise cafeeira e o processo de industrialização dos centros urbanos empurrou os moradores da zona rural — que representavam 50% da população do Estado — para as cidades. Nos anos 40, a região concentrava 12,2% dos habitantes do Estado. Em meados dos anos 50, esse número pulou para 13%.

A intensificação desse fluxo migratório promoveu, com o tempo, a fusão das cidades vizinhas. A ilha de Vitória, por exemplo, invadiu o continente em direção à Serra, Viana e Cariacica são quase uma só. Vila Velha avança sobre os últimos espaços livres à beira-mar e caminha para o lado de Guarapari.

“A evolução da ocupação urbana da Grande Vitória seguiu um modelo monocêntrico. As áreas ocupadas levitavam em torno das atividades terciárias e portuárias desenvolvidas no centro de Vitória. A partir desse modelo e com o passar dos anos, a malha urbana foi se expandindo ao longo dos principais eixos que recortam os cinco municípios. Vários conjuntos habitacionais foram criados nos vazios existentes, provocando a expansão da mancha e dando a idéia de que tudo não passa de uma única e grande cidade”, diz a pesquisa “Grande Vitória em Dados”, um dos inúmeros trabalhos que o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) vem preparando sobre a Região Metropolitana.

Aliás, o Instituto Jones estuda e propõe soluções para os problemas da Grande Vitória desde sua criação, em 1976, quando ainda era a Fundação Jones dos Santos Neves. O atual diretor-superintendente, Fernando Sanchotene, conta que a participação dos pesquisadores do órgão começou com o Plano de Estruturação do Espaço Urbano (PEE), que criou um modelo de organização espacial para a região.

“Foi a primeira tentativa de se planejar o crescimento, de dimensionar as tendências de expansão da Grande Vitória”, afirma. Nessa época, o governo federal já tinha criado as oito regiões metropolitanas, através de lei complementar, em 1973.

Quando o Instituto Jones passou a se ocupar do assunto, a Grande Vitória crescia 7,1% ao ano. Vitória tinha o crescimento mais moderado: 4,6%. A Serra, no entanto, ficava 16% maior a cada ano. A região se expandia acima da média nacional.

Sanchotene acha que, no entanto, não se pode falar em crescimento desordenado. Para ele, “crescimento desorde-

de Estatística, era de 127.189 casas. Ao mesmo tempo um problema e uma contradição, já que estudos do Instituto Jones do mesmo período indicam a existência de 146.475 lotes vagos na Grande Vitória. No mínimo, esses lotes poderiam abrigar 778.439 habitantes, ou seja, 73% da população atual da região.

As escolas, nos cinco municípios oferecem 340.728 vagas. Da população, 21% estão em idade escolar — entre 7 e 15 anos. Só que 25% desse total estão foram das salas de aula.

O transporte coletivo ainda não é integrado. Vitória e Viana não participam, o que encarece o preço da passagem. Em 1993, um trabalhador gastava

Centro leste devem alterar a forma e o poder de negociação e elaboração de políticas públicas. Uma retomada de crescimento pode significar um aumento na migração. Mais pessoas significam a necessidade de mais investimentos em infra-estrutura.

Em tempos de racionalização dos métodos administrativos, a oficialização da Região Metropolitana é uma decisão coerente. Mais ainda: é a possibilidade de que ações sejam planejadas e executadas conjuntamente, melhorando os serviços e, por extensão, a qualidade de vida. No final das contas é isso que os moradores de Viana, Vila Velha, Serra, Cariacica e Vitória querem quando pagam seus impostos.

Cyro Denadey — 22/12/94



O crescimento populacional da Grande Vitória entre os anos 40 e 50 cresceu mais de 1%, segundo dados do Instituto Jones Neves

Capital tem mais eleitores			
	Eleitores	% relação GV	% relação ES
Vitória .....	181.115	26,18	10,59
Cariacica .....	175.688	25,40	10,26
Serra .....	129.295	18,70	7,56
Viana .....	30.727	4,44	1,80
Vila Velha .....	174.872	25,28	10,23

nado” é um conceito volátil. O diretor-superintendente prefere dizer que a região cresceu de forma própria, sem a presença do Estado.

Crescimento desordenado ou crescimento sem a presença do Estado são definições técnicas. O que importa realmente é que a expansão andou a 100 km/h e a infra-estrutura veio a pé. Junto com os investimentos, a mão-de-obra e a modernização dos anos 60 e 70 vieram também os problemas.

Vamos enumerar alguns:

O déficit habitacional em 1993, segundo dados do Departamento Estadual

de 40% de seu orçamento com transporte.

Somam-se aí os problemas com trânsito, menores nas ruas, meio ambiente, saneamento, telefonia, abastecimento, saúde. “Estava na hora das pessoas reconhecerem que existem problemas comuns e que é fundamental tentar achar soluções comuns”, diz Sanchotene.

A criação da Região Metropolitana é uma decisão política que vem em boa hora. As privatizações da Vale do Rio Doce e da Escelsa; a modernização dos portos; e a criação da zona de processamento de exportação e do Corredor

## Conselho conta com governador e os prefeitos

O Conselho Metropolitano é o foro de decisão da Região Metropolitana. Governador e prefeitos dos cinco municípios compõem o Conselho.

Na última reunião do Conselho Metropolitano ficou definido que o governador seria o coordenador permanente. A lei atual deve ser alterada para permitir que a secretaria executiva seja exercida pelo secretário de Planejamento do Estado, informa o secretário de Planejamento do Estado, Magno Pires. Na lei atual, só os secretários de Planejamento dos municípios podem ocupar a secretaria executiva do Conselho.

A assessoria do Conselho será exercida pelo Comitê de Planejamento Metropolitano da Grande Vitória. O comitê é composto pelos secretários de Planejamento, representantes da Assembléia Legislativa e das câmaras de vereadores e por membros de entidades civis.

# CAUSA FUSÃO

## Pesquisador da Ufes dá sua definição para área

Em sua pesquisa "Metropolização: uma aproximação conceitual", o professor da Ufes André Tomoyuki Abe define Região Metropolitana como uma área densamente urbanizada, construída por municípios limítrofes que, independentemente de sua vinculação administrativa, fazem parte de uma mesma comunidade sócio-econômica.

Legalmente, nove regiões metropolitanas foram criadas em 1973, através da Lei Complementar nº 14: São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Fortaleza, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Belém. Uma das exigências era de que as metrópoles tivessem mais de 400 mil habitantes. São Paulo é a maior região do País, com 39 cidades.

Parte das regiões metropolitanas en-

frentaram problemas gerenciais. O fato de terem sido criadas durante o regime militar fez com que a organização das regiões fosse centralizada. O Brasil adotou um sistema semelhante ao dos Estados Unidos, chamado de gestão colegiada. Nesse sistema vigora a livre cooperação entre os governos.

O sistema federativo da Inglaterra, ao contrário, constituiu-se na criação de um governo metropolitano, supramunicipal, incumbido de exercer as funções que extrapolam os limites municipais. Isso é garantido através da participação de governos locais da região nas instâncias de decisão. Já na África do Sul, o sistema unificado prevê a formação de um governo único para toda a área metropolitana.

### Mata Atlântica é preservada pela capital

Vitória possui 10 unidades de conservação, onde são preservados 1.142 hectares de Mata Atlântica e de ecossistemas associados — manguezais e restingas. Patrimônio do município e protegidas por lei específica, as unidades de conservação são áreas que apresentam características de valor ecológico, científico e paisagístico.

Uma das mais antigas unidades de conservação é a Estação Ecológica Municipal Ilha do Lameirão. Criada em 1986, a Estação fica a noroeste de Vitória e possui uma área de 891,83 hectares. Sua vegetação é composta de manguezal e mata seca de restinga. Vivem no Lameirão peixes, crustáceos, moluscos, aves e pequenos mamíferos.

Outra área de preservação criada em 1986 foi a Reserva Ecológica Municipal Restinga de Camburi. Localizada na praia de Camburi, a reserva possui 12,54 hectares de mata seca de restinga.

O Parque Estadual da Fonte Grande fica no Maciço Central do município. Cria-

do em 86, Fonte Grande tem uma área de 218 hectares.

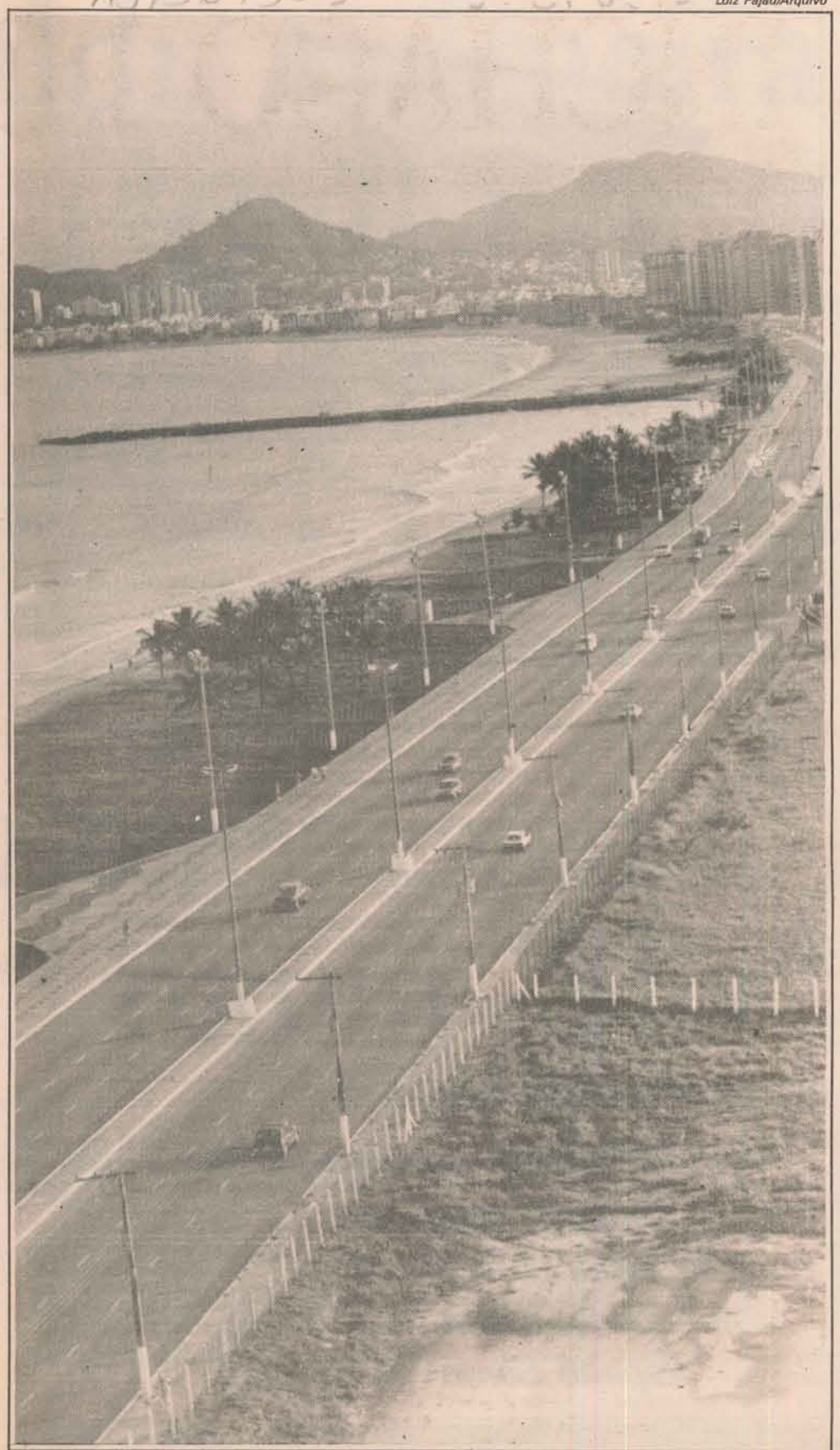
A área de proteção ambiental Ilha do Frade, de 1988, possui 423 mil metros quadrados. Já a Reserva Ecológica Pedra dos Olhos, criada na mesma época, fica em Fradinhos e concentra vegetação remanescente da Mata Atlântica em 6,5 hectares.

Também criado em 1988, o Parque Municipal Gruta da Onça tem 6,89 hectares e fica no Maciço Central de Vitória. Sua vegetação, de Mata Atlântica, foi replantada nos anos 50, depois que o café deixou de ser produzido na região.

A Reserva Ecológica Morro do Gamela é mais recente. Seus 295 mil metros quadrados foram considerados área de conservação em 1992. Gamela é um afloramento rochoso, com vegetação rupreste, com destaque para as orquídeas e bromélias. O Morro do Gamela fica em Santa Lúcia.

Com 109 mil metros quadrados, a Reserva Ecológica Morro do Itapenambi foi criada no mesmo ano e também fica em Santa Lúcia.


Em 1993 foi criada a Área de Proteção do Maciço Central. A unidade de conservação possui 1.100 hectares. Localizado na região central da ilha, o Maciço é habitat de sagüis-brancos, macacos-prego, vários répteis e aves.



A praia de Camburi é considerada uma das mais belas paisagens de Vitória

# Região Metropolitana. A união é que faz a força.

## NASSAU

CIMENTO NASSAU  UM CAPIXABA FORTE



O Convento da Penha, localizado no alto de um morro, começou a ser construído pelo franciscano Pedro Palácios

# O nascimento de uma "vila" muito "velha"

**Vasco Fernandes Coutinho e sua comitiva chegaram em Vila Velha há 460 anos, fundando, assim, o Espírito Santo**



O número mais aceito pelos historiadores é de que 30 casas formaram o primeiro núcleo do Espírito Santo. Vasco Fernandes Coutinho e sua tripulação instalaram-se perto do Morro do Moreno, no lugar conhecido depois como Sítio do Ribeiro. Esse foi o começo da Vila do Espírito Santo, depois Vila Velha, cidade mais antiga do Estado, com 460 anos.

A Vila do Espírito Santo começou a ficar Velha quando a capital foi transferida para a Vila de Vitória. Menos segura que a nova capital, a Vila do Espírito Santo viveu muitos anos à margem. Começou a ser conhecida como a vila velha, em contraposição à nova vila, de Vitória. Três séculos depois da chegada de Vasco Fernandes, a ex-capital possuía apenas 1.250 habitantes. Até o fim do século XIX, a cidade não ultrapassava os limites da Prainha.

Em 1896 foi elevada a município, ainda com o nome de Espírito Santo.

Mas o fato de ser considerada uma cidade inicialmente não ajudou muito. Até os anos 40, a cidade só possuía escolas de 1º grau. Quem quisesse continuar os estudos tinha que se descolar até Vitória. Aliás, os moradores da cidade dependiam da capital para quase tudo: o melhor comércio e as repartições públicas ficavam em Vitória.

## CONVENTO

O franciscano Pedro Palácios tinha 58 anos quando chegou ao Espírito Santo. Nascido na Espanha em 1500, Palácios passou por Salvador antes de chegar a Vila Velha com um painel de Nossa Senhora dos Prazeres.

A história do Convento da Penha começa aí: procurando um lugar para instalar o painel, Pedro Palácios acabou escolhendo o Morro da Penha. O franciscano tornou-se ermitão, vivendo numa gruta ao pé do morro e cuidando do painel de Nossa Senhora dos Prazeres. O lugar virou ponto de oração e peregrinação da população.

Tempos depois, o franciscano resolveu construir um templo no alto do morro. No livro "Lendas Capixabas", Maria Stella Novaes revela que Pedro Palácios decidiu iniciar a construção depois que o painel de Nossa Senhora dos Prazeres desapareceu três vezes e, em todos casos, foi reencontrado no alto do morro, entre duas palmeiras. Entendendo os acontecimentos como um sinal da santa, Palácios reuniu missionários, índios e devotos e construiu uma capela dedicada a São Francisco.

O atual Convento da Penha foi construído em 1644. No local estão expostos o painel de Nossa Senhora dos Prazeres, trazido por Pedro Palácios, e a imagem de Nossa Senhora da Penha, trazida de Portugal em 1570.

## O sistema das capitanias

O sistema de Capitanias Hereditárias foi adotado no Brasil em 1534. Os bons resultados obtidos nas Ilhas do Atlântico — Madeira e Açores — estimularam Portugal a utilizar o mesmo sistema no Brasil. Foram distribuídas 14 capitanias a 11 donatários.

As terras que viriam a ser o Espírito Santo foram dadas a Vasco Fernandes Coutinho em Évora, em agradecimento aos serviços prestados por ele ao Exército da Coroa (Dom João III fez a doação em 1º de julho). Vasco Fernandes foi donatário da Capitania até 1561, ano de sua morte. O

Espírito Santo foi governado por donatários durante 183 anos — de 1535 a 1718.

Poucas Capitanias Hereditárias prosperaram. Pelos registros históricos, esse não parece ter sido o caso do Espírito Santo. Em cartas da época a El Rey, alguns colonos relatavam as constantes viagens de Vasco Fernandes Coutinho e chegavam a pedir que Dom João lhe tomasse as terras.

"Parece-me que Vossa Alteza devia de tomar esta terra a Vasco Fernandes e logo mandar a San Tomé e dar aos homens ricos que para cá querem vir as honras que pedem", diz literal-

## Vasco Coutinho viu as praias em maio de 1535

Vasco Fernandes Coutinho avisou as praias da futura cidade de Vila Velha em maio de 1535. Pela primeira vez via as terras que recebera de Dom João III no ano anterior. Por elas e em nome da aventura que corria em seu sangue, Vasco Fernandes largara uma vida tranqüila em Alenquer, onde possuía uma quinta, e um salário de trinta mil reais portugueses, que recebia pelos serviços prestados a El Rey. Trocou tudo por uma nau e 50 léguas de terras tropicais.

Herói da batalha de Goa, na guerra santa contra os turcos, Vasco Fernandes nunca foi um homem apegado à terra. Na companhia de Alfonso de Albuquerque já tinha conhecido o extremo Oriente, enfrentado elefantes em Málaca e viajado à Índia. Fez isso num intervalo de seis anos. Antes de assumir sua capitania hereditária, ainda teve tempo de visitar a China em 1521, junto com seu irmão Martim Afonso de Melo Coutinho.

É esse homem — inconstante e aventureiro — que veio colonizar o Espírito Santo. Na nau "Grorya" vieram ainda mais 59 pessoas. Escravos e degredados (entre os últimos dois nobres) formavam o grupo de Vasco Fernandes Coutinho. No livro "O Povoamento do Espírito Santo", Heribaldo Lopes Balestero arrisca uma análise da tripulação do Grorya:

"Não eram elementos selecionados nem organizados para uma distribuição em núcleos coloniais, mas dispersos, constituídos de escravos na sua maior parte e de criminosos. Apenas alguns fidalgos porque eram degredados".

Os tripulantes sentiram o que seria a vida de colonizador logo na chegada. Os índios da região tentaram impedir o desembarque dos novos proprietários. Vasco Fernandes Coutinho ordenou um bombardeio para afugentar os índios.

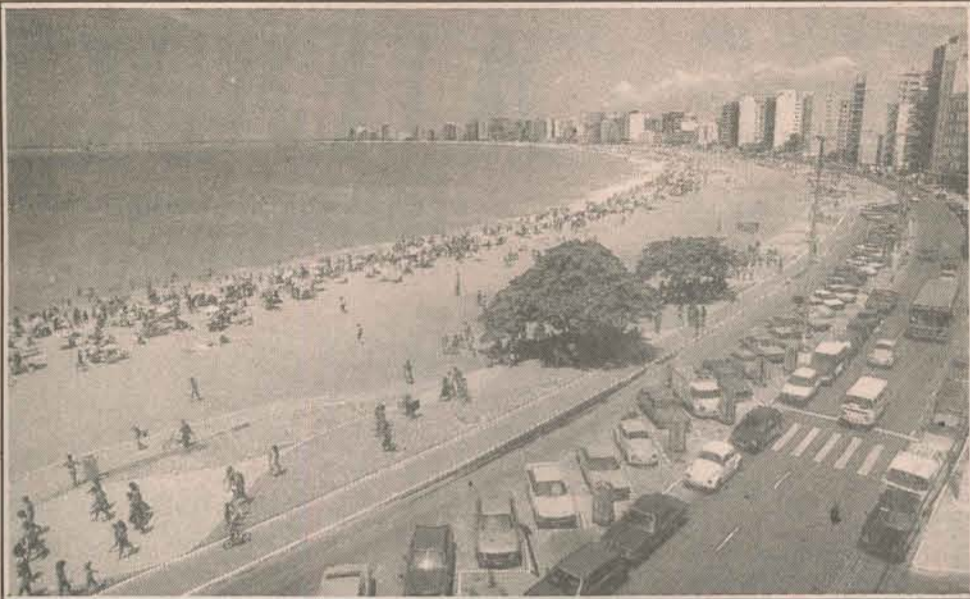
A nau Grorya aportou numa enseada perto do Morro do Moreno em 23 de maio de 1535. Era o oitavo dia de pentecostes, um domingo dedicado ao Espírito Santo. Sendo português e católico, Vasco Fernandes Coutinho deu o nome ao novo povoado de Vila do Espírito Santo.

mente uma dessas cartas, reproduzida no livro "De Vasco Coutinho aos Contemporâneos", de Levy Rocha.

Além da má administração de alguns donatários, os colonos enfrentaram problemas mais graves. Ao contrário das ilhas de Madeira e Açores, o Brasil era muito maior, muito mais distante da Europa e com clima e solo diferentes. Em lugar de ilhas desabitadas, os recém-chegados encontraram tribos belicosas. Sem contar que, durante muitos anos, as capitanias foram constantemente atacadas por piratas holandeses, franceses e ingleses.

# Luíza Grimaldi, primeira a governar

Divulgação



Praia da Costa, a marca maior do turismo praticado em Vila Velha

*Durante quatro anos, ela governou a Capitania do Espírito Santo com a ajuda do capitão de Ordenanças Azeredo*



## Um crescimento acelerado

Até os anos 40, Vila Velha não era muito maior que a Prainha. Há mais ou menos seis anos, porém, a cidade assiste a uma acelerada urbanização. Em 1994, 50% dos empreendimentos imobiliários na Grande Vitória se concentraram na Praia da Costa. Itapoã e Itaparica são outras duas praias que crescem num ritmo acelerado.

A explosão imobiliária na região é fruto da construção da Terceira Ponte. A obra aproximou Vila Velha de Vitória e reverteu o fluxo de crescimento da cidade.

A Terceira Ponte e, logo em seguida, a ur-

banização da Praia da Costa têm dado um novo gás ao turismo da cidade. O calçadão e os quiosques que enfeitam a praia já viraram cartão postal de Vila Velha e atraem cada vez mais turistas para a região.

Só que a voracidade das imobiliárias foi tão grande, que começam a escassear as áreas de construção. Especialistas garantem, entretanto, que Vila Velha tem ainda muito espaço e que a tendência é um crescimento em direção a Guarapari. Essa expansão já está em curso e é possível notá-la quando se viaja pela Rodovia do Sol.

**L**uíza Grimaldi foi a primeira donatária da história do Espírito Santo e do Brasil. Durante quatro anos — de 1589 a 1593 — ela governou a Capitania com a ajuda do capitão de ordenanças Miguel de Azeredo. Luíza ocupou o cargo depois da morte de seu marido, Vasco Fernandes Coutinho Filho, o terceiro donatário do Espírito Santo.

Em 1592, quando ain-

da governava a Capitania, Luíza Grimaldi teve que enfrentar uma invasão inglesa chefiada por Thomaz Cavendish. Os piratas tentaram entrar pelas praias de Vitória (já transformada em capital), mas foram detidos pelos índios, chefiados pelo cacique Japiçu, e por soldados de Miguel de Azeredo.

A estratégia de Japiçu e Azeredo foi acender fogueiras nas montanhas da costa, desde o Penedo até o

Moreno, dando a idéia de que possuíam fortes recursos militares. Receosos, os ingleses evitaram os ataques noturnos e foram facilmente detidos quando tentaram entrar durante o dia.

Luíza Grimaldi desistiu de governar a Capitania em 1593 e retornou a Portugal. Azeredo continuou a administrar o Espírito Santo ainda com o título de capitão-mor até 1620, quando a Capitania foi concedida a Francisco de Aguiar Coutinho.

## Início dos grandes projetos

A implantação dos grandes projetos industriais, a partir da segunda metade dos anos 50, acelerou o crescimento de Vila Velha. A falta de planejamento, no entanto, fez com que uma mancha desordenada fosse crescendo em direção de Guarapari, Viana e Cariacica. Nos anos 70, a cidade cresceu em média 8% ao ano.

A maior parte das indústrias do Estado

é ligada ao setor têxtil: são 432, que empregam cerca de seis mil pessoas. A Glória, um bairro que nos anos 80 tinha características residenciais, concentra a maior parte dessas empresas, além de mais de 500 lojas de roupas. Parte da produção é negociada em Minas Gerais, Bahia e São Paulo.

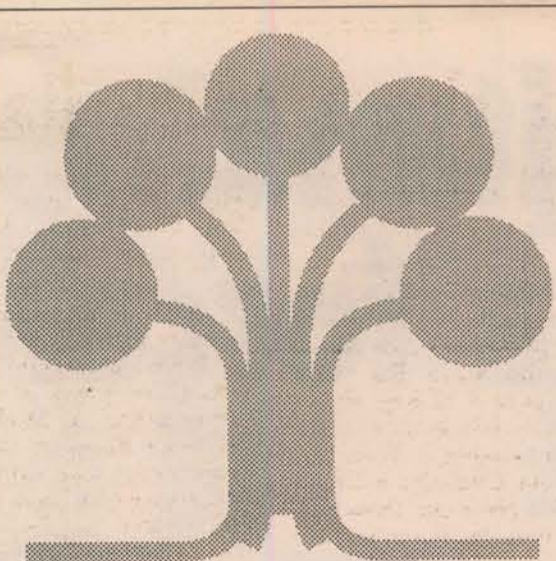
A maior empresa da cidade, no entanto, é a fábrica de Chocolates Garoto, com capa-

cidade de produção de 80 mil toneladas. Fundada em 1929, a Garoto produz 70 mil toneladas de chocolate por ano e seu faturamento no ano passado chegou a US\$ 280 milhões. A Chocolates Garoto possui 2.700 funcionários.

Vila Velha também ocupa o terceiro lugar em número de escolas. São 132: 30 municipais, 48 estaduais e 54 particulares, além de um centro de ensino superior.

Quase 250 mil pessoas recebem água encanada em casa. As ligações de esgoto, no entanto, atendem a menos de dois mil habitantes. Um cálculo do DEE de 1992 mostra que são produzidas 131,5 toneladas de lixo por dia. O cálculo da quantidade de lixo é feito levando-se em conta que cada indivíduo, numa cidade com menos de um milhão de habitantes, produz cerca de 0,4 kg por dia.

O número de eleitores chega a 176 mil e os consumidores de energia são um pouco mais de 81 mil. A cidade consome 315 mil kwh.



**REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA**

Muita gente precisa de socorro urgente. Mas tem que esperar até ser atendida em outro município.

Quando precisa de um médico, a maioria da população sai de Cariacica, Viana, da Serra e de Vila Velha para procurar atendimento em Vitória. O sistema fica saturado, causando filas, longas esperas e

muito sofrimento.

Com a implantação da Região Metropolitana da Grande Vitória, o atendimento médico pode ser descentralizado. E a população vai ser bem tratada em seu município.

**ESPIRITO SANTO**  
GOVERNO DO ESTADO



*A capital nasceu com o nome de Vila de Nossa Senhora da Vitória, no dia 8 de setembro de 1550. A intenção de Vasco Fernandes Coutinho era encontrar um local mais seguro do que Vila Velha*

# COMO NASCEU VITÓRIA A DOCE ILHA DO MEL

Os índios, até a chegada dos jesuítas, não eram servís, nem bons anfitriões. Desde que os tripulantes do Grorya pisaram as terras capixabas, os nativos não deram trégua aos novos habitantes. Por isso, preocupado com a segurança de sua colônia, Vasco Fernandes Coutinho achou melhor levar a capital para a Ilha de Santo Antônio em 1550.

As principais ilhas da região já estavam sendo ocupadas, desde que Vasco Fernandes doou-as a três de seus colonos. A Ilha de Vitória foi dada a Duarte de Lemos; Jorge de Menezes ficou com a Ilha do Boi; e Valentim Nunes com a Ilha do Fra-de.

A nova capital foi batizada de Vila de Nossa Senhora de Vitória, a Ilha do Mel. A causa desse nome é mais um ponto controverso da história oficial do Espírito Santo. A lenda diz que o nome da vila foi sugerido após a vitória sobre os índios que tentaram impedir a ocupação da ilha. No entanto, alguns historiadores contestam essa versão. Segundo esses estudiosos, a vitória sobre os indígenas aconteceu em 1551, ou seja, um ano depois da transferência da capital.

Heribaldo Lopes Balestrero, em "O Povoamento do Espírito Santo", reafirma a primeira versão. "Vitória era o maior centro da população da Capitania, funcionando como capital desde 8 de setembro de 1551, quando passou a gozar dessa prerrogativa em virtude da vitória alcançada pelos portugueses contra os selvagens", escreveu.



A ida de Vasco Fernandes para a Vila da Vitória mergulhou a ex-capital, Vila do Espírito Santo, num ostracismo que durou até os anos 40. A nova capital, ao contrário, expandiu-se rápido e cresceu mais ainda com as movimentações portuárias da Capitania.

Vitória virou oficialmente uma cidade em 17 de março de 1823, seis meses depois da Independência. Sua população era formada em sua maioria por escravos. Até o início do século, os negros eram maioria na cidade.

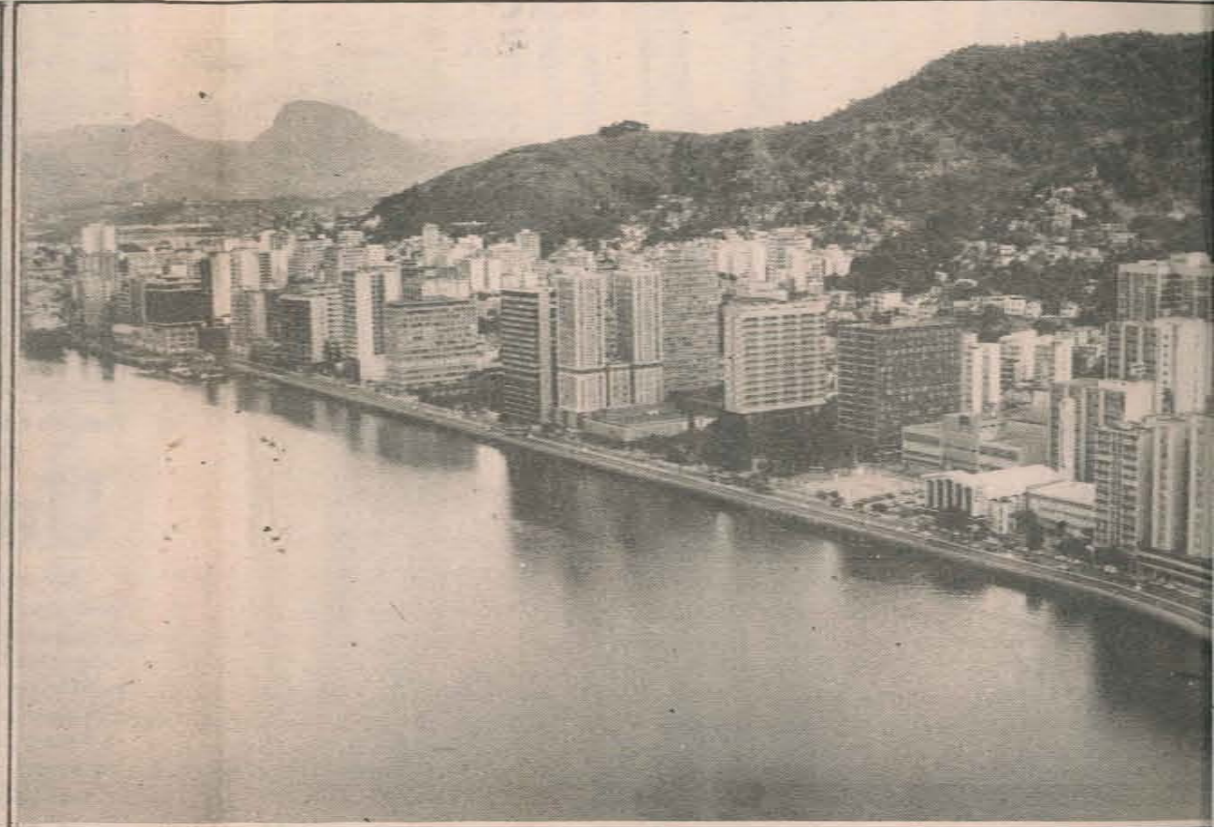
A arquitetura da cidade seguia

o estilo português e, logicamente, agradava os visitantes europeus. O príncipe Maximiliano observou a cidade em 1816 e fez a seguinte descrição: "A cidade de Nossa Senhora de Vitória é um lugar limpo e bonito, com bons edifícios construídos no velho estilo português, com balcões e rótulos de madeira, ruas calçadas, uma Câmara Municipal razoavelmente grande (...), além de vários conventos".

Na primeira década do século XX, Vitória conservava suas ruas estreitas e sem alinhamento. Os edifícios mantinham a arquitetura

colonial e a iluminação era deficiente. Não existiam serviços regulares de limpeza, água e esgoto. Apenas dois chafarizes, localizados na Cidade Alta e em Campinho, abasteciam a vila.

A modernização da cidade começou mesmo com a administração de Jerônimo Monteiro (1908-1912). Foi ele quem equipou Vitória com serviços de água, esgoto, iluminação e bondes elétricos. Monteiro iniciou as construções do porto e reformou o ensino no Estado. Novos prédios foram erguidos, dando mostras do desenvolvimento



As duas fotos mostram as diferenças de Vitória. A foto de cima retrata o que era a capital nos início do século (abaixo) mostra Vitória de hoje, destacando, sobretudo, o desenvolvimento, com seus inúmeros arranha-céus.

experimentado pelo Espírito Santo.

A eletrificação do transporte urbano possibilitou a criação das linhas de bonde que ligavam Santo Antônio à Praia do Suá e colocavam a cidade baixa em comunicação com o Palácio do Governo.

A Primeira Guerra Mundial interrompeu a modernização da cidade. Só a partir do governo de Nestor Gomes (1920-1924) houve nova onda de crescimento. Gomes mandou construir a avenida Capixaba e urbanizou a praça Costa Pereira.

A alta dos preços do café ajudaram o governador Florentino Avidos (1924-1928). Com dinheiro sobrando, Avidos conseguiu modernizar a cidade de Vitória. Alargou ruas, abriu estradas e ampliou a cidade. As mudanças estéticas empreendidas pelo governador alimentaram o pedantismo de um cronista, que passou a chamar Vitória de "cidade-presépio".

Na década de 30, novas alterações na arquitetura da cidade foram empreendidas: construção de novos edifícios, abertura de avenidas, ci-

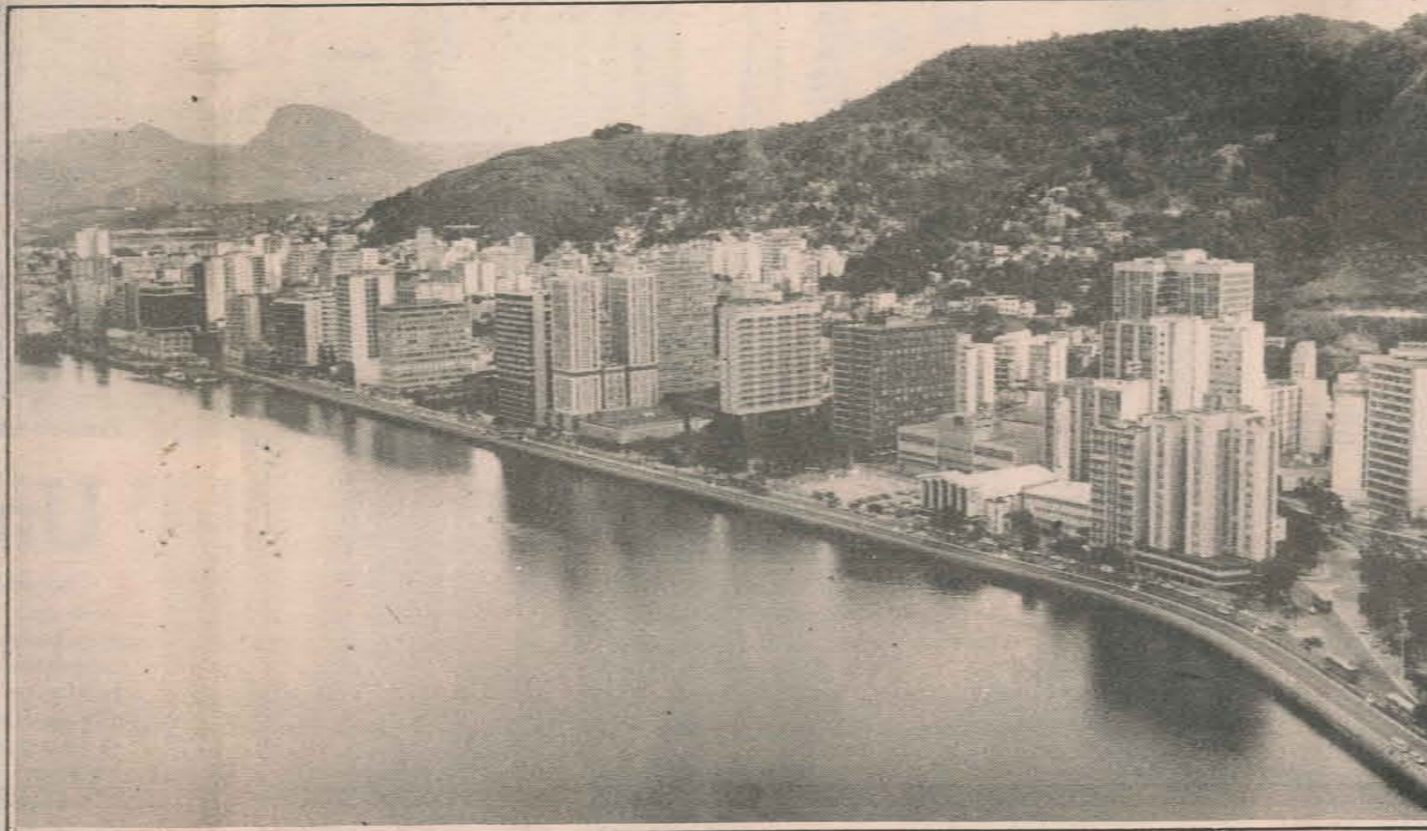
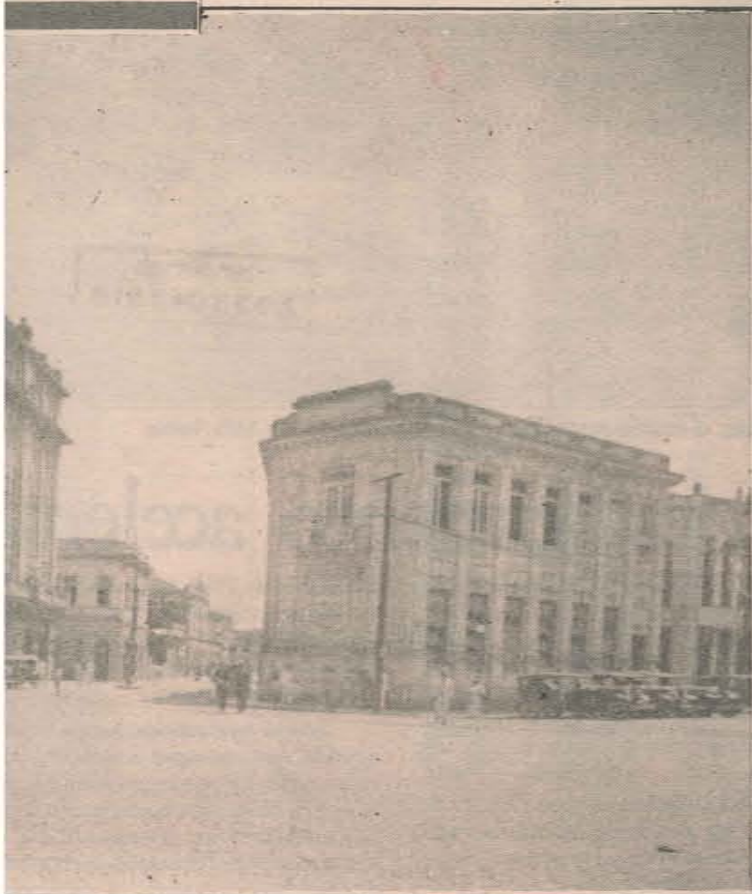
nemas, cafés, redes telefônicas.

Uma nova mentalidade atingiu Vitória em 1950, durante o governo de Santos Neves e na gestão de Avidos. O supercrescimento de Vitória, com 9% ao ano, fez com que a cidade crescesse em densidade. Duas décadas depois, o atual prefeito Paulo Roberto Campos aumentou o número de ruas e o comércio na cidade.



# COMO NASCEU VITÓRIA, A DOCE ILHA DO MEL

de Vila  
no dia  
ção de  
ncontrar  
a Velha



As duas fotos mostram as diferenças de Vitória. A foto de cima retrata o que era a capital nos inícios do século XX. A outra (abaixo) mostra Vitória de hoje, destacando, sobretudo, o desenvolvimento, com seus inúmeros arranha-céus pela cidade

uguês e, logicamente, visitantes europeus. O oximiliano observou a 116 e fez a seguinte descrição de Nossa Senhora: "é um lugar limpo e bons edifícios construídos no estilo português, com telhados de madeira, ruas na Câmara Municipal e grande (...), além de outros".

neira década do século conservava suas ruas sem alinhamento. Os edifícios tinham a arquitetura

colonial e a iluminação era deficiente. Não existiam serviços regulares de limpeza, água e esgoto. Apenas dois chafarizes, localizados na Cidade Alta e em Campinho, abasteciam a vila.

A modernização da cidade começou mesmo com a administração de Jerônimo Monteiro (1908-1912). Foi ele quem equipou Vitória com serviços de água, esgoto, iluminação e bondes elétricos. Monteiro iniciou as construções do porto e reformou o ensino no Estado. Novos prédios foram erguidos, dando mostras do desenvolvimento

experimentado pelo Espírito Santo.

A eletrificação do transporte urbano possibilitou a criação das linhas de bonde que ligavam Santo Antônio à Praia do Suá e colocavam a cidade baixa em comunicação com o Palácio do Governo.

A Primeira Guerra Mundial interrompeu a modernização da cidade. Só a partir do governo de Nestor Gomes (1920-1924) houve nova onda de crescimento. Gomes mandou construir a avenida Capixaba e urbanizou a praça Costa Pereira.

A alta dos preços do café ajudaram o governador Florentino Avidos (1924-1928). Com dinheiro sobrando, Avidos conseguiu modernizar a cidade de Vitória. Alargou ruas, abriu estradas e ampliou a cidade. As mudanças estéticas empreendidas pelo governador alimentaram o pedantismo de um cronista, que passou a chamar Vitória de "cidade-presépio".

Na década de 30, novas alterações na arquitetura da cidade foram empreendidas: construção de novos edifícios, abertura de avenidas, ci-

nemas, cafés, restaurantes e serviços telefônicos.

Uma nova onda desenvolvimentista atingiu a cidade nos anos 50, durante o governo de Jones dos Santos Neves e nas duas décadas seguintes, com o "milagre brasileiro". O supercrescimento da Grande Vitória, com taxas superiores a 9% ao ano, fez com que os problemas crescessem com a mesma intensidade. Duas preocupações do atual prefeito Paulo Hartung são o aumento do número de menores nas ruas e o congestionamento do tráfego na cidade.

## População da capital é a 2ª maior do Estado

Vitória sempre teve a menor taxa de crescimento entre as cinco cidades da Região Metropolitana. Nos anos 70, crescia 5%, enquanto as outras cidades nunca registravam menos de 8% ao ano. Na década seguinte, com a longa crise brasileira, essa taxa caiu para 2%.

A população da capital, no entanto, é a segunda maior da Grande Vitória. São 272.895, distribuídos nos 88 quilômetros quadrados da cidade. A densidade demográfica é de 3.369 habitantes por km<sup>2</sup>.

Os melhores indicadores sócio-econômicos pertencem à cidade. O sistema de água atinge 250 mil pessoas e o de esgotos cerca de 61 mil, de acordo com dados de 93 do DEE. O consumo de energia ultrapassa o 1,5 milhão de

kwh. O número de veículos também é maior: são 29.058.

A capital tem a maior participação na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Em 1993, a arrecadação foi de US\$ 74,3 milhões, que representa 21% do total recolhido no Estado. Vitória foi a única cidade que aumentou sua participação no bolo arrecadado entre 1991 e 1993, segundo dados do DEE. São 734 indústrias e mais de seis mil estabelecimentos comerciais instalados na cidade.

As únicas duas instituições de ensino federal do Estado estão instaladas na capital: a Universidade Federal do Espírito Santo e a Escola Técnica Federal. Outras 131 escolas públicas e privadas ofereceram 91.183 vagas em 1993.

## Jones dos Santos Neves criou a Universidade

Jones dos Santos Neves criou a Universidade do Espírito Santo em 1954, reunindo sete escolas: Educação Física, Direito, Ciências Econômicas, Filosofia, Belas Artes, Politécnica, Medicina e Odontologia. De lá para cá pouca coisa importante aconteceu no ensino superior no Estado.

Um desses momentos importantes foi a federalização da Universidade em janeiro de 1961. Um esforço de políticos capixabas e professores conseguiu convencer Juscelino Kubitschek a assinar — como último ato de seu governo — a federalização da Universidade. A Ufes passou a

receber verbas da União em 1962.

Em 1968, os militares implantaram a reforma universitária. A racionalização do espaço levou à construção do campus de Goiabeiras e à fusão de laboratórios e faculdades. Um dos tutores da reforma no Espírito Santo foi um professor americano conhecido como Mr. Atikon. Atikon participou também da reforma na Universidade Federal de Santa Catarina.

Hoje, a Ufes oferece 36 cursos de graduação, oito mestrados e dois doutorados. O número de mestrados deve ser ampliado até o fim de 1996. Cerca de 9.500 alunos estão matriculados.

# Crescimento está ligado com o porto

AJ13675-110

**Somente em 1975 surgiu o complexo portuário do Espírito Santo, para atender ao crescimento econômico capixaba**



O Porto de Vitória é a peça que monta a história do desenvolvimento da Região Metropolitana. Ele é o centro do crescimento monocêntrico da Grande Vitória — em volta da capital — e razão do intenso fluxo de imigração ocorrido a partir dos anos 50.

Entre as décadas de 30 e 50, o café representava 60% das exportações brasileiras. O Espírito Santo era o terceiro produtor do País. Perdia apenas para São Paulo e Minas Gerais. O Porto de Vitória era, igualmente, o terceiro porto cafeeiro do Brasil e responsável pelo embarque de 92% da produção do Estado.

Os resultados alcança-

dos nos anos 50 refletiam uma aspiração antiga de políticos capixabas. Em seu livro "O Desenvolvimento do Porto de Vitória", a historiadora Maria da Penha Siqueira revela que, na localização do porto na ilha, estava implícita uma aspiração de tornar Vitória numa grande praça comercial.

A construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM), que no início era chamada de Diamantina, ajudou a concretizar essa aspiração. O minério de ferro, vindo de Minas, começou a chegar no Porto de Vitória na década de 40. Nos anos 60, com a intensificação do transporte pela EFVM, o minério substituiu o café como principal produto de exportação do Espírito

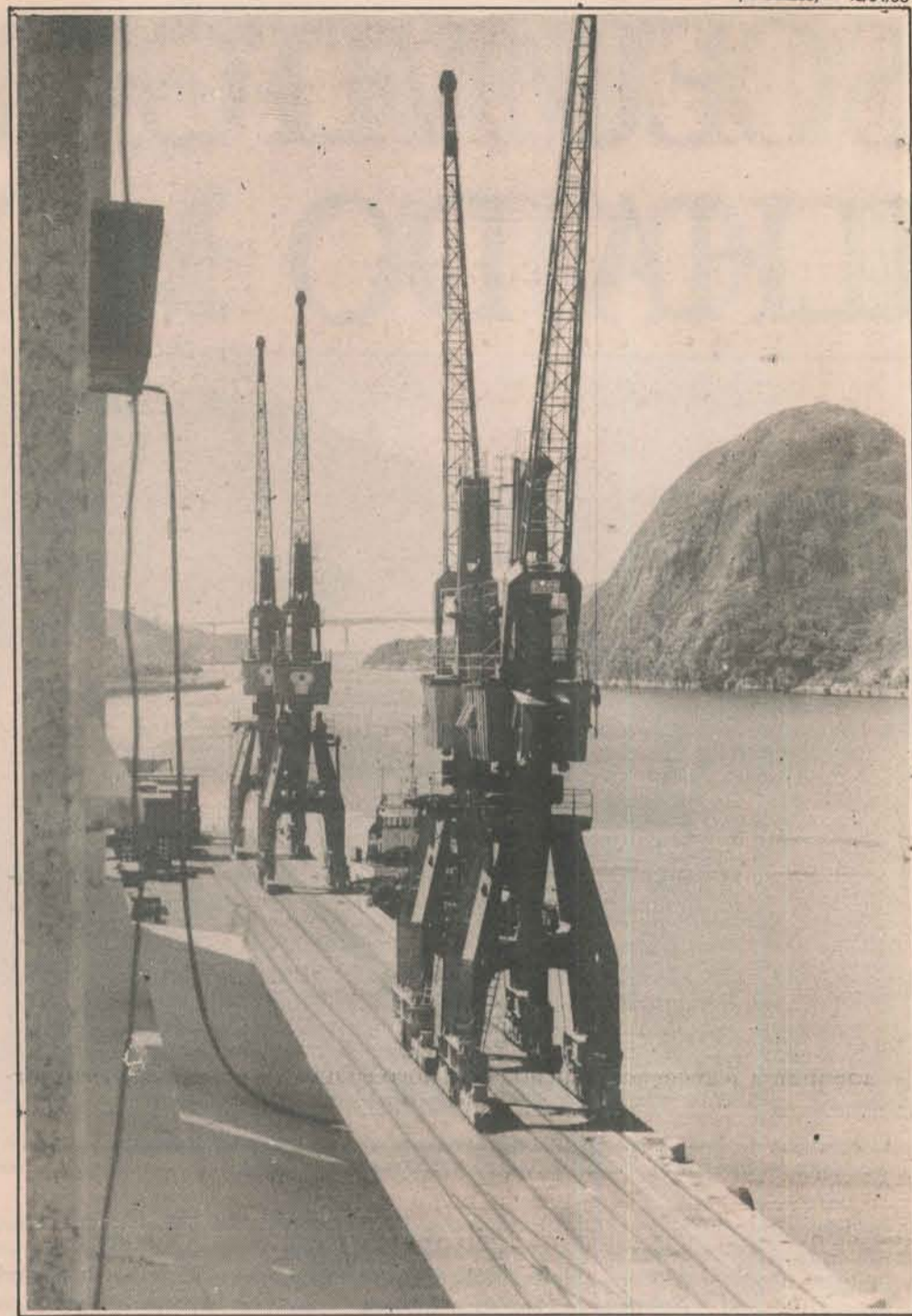
Santo.

A EFVM foi inaugurada em 1904. Sua criação permitiu a expansão da lavoura cafeeira no interior do Estado e a prosperidade do comércio exportador.

"A estrada de ferro gradativamente ajudava a realizar uma grande aspiração dos políticos do Espírito Santo — de transformar o Porto de Vitória em um dos pontos de escoamento dos produtos de Minas Gerais e, posteriormente, formar um corredor de exportação", escreve Maria da Penha Siqueira.

## COMPLEXO

Em 1975 surge o complexo portuário capixaba. Sua criação atendeu o crescimento industrial do Espírito Santo. Hoje, passam



Pelo menos 50% da produção cafeeira, nos anos 50, passavam pelo Porto de Vitória

pelos portos de Vitória, Capuaba e Praia Mole 30% da tonelagem movimentada na costa brasileira. Isso significa que 10% da receita cambial do País passa pelos portos do Estado.

Em fase de modernização, o Porto de Vitória espera o surgimento de

grandes negócios, com o Mercosul e com o Corredor Centroleste. Um desses negócios já anda pelos trilhos da Vitória x Minas: a Fiat, sediada em Betim, está exportando seus carros do Porto de Vitória para a Europa, Argentina, Chile e Uruguai.

O embarque pelo Es-

pírito Santo permite uma economia de 30% nos custos de exportação. O resultado é fruto dos investimentos da Companhia Vale do Rio Doce, administradora da estrada de ferro, que adquiriu 70 vagões cegonheiros com capacidade para transportar 12 carros cada.

O Porto de Vitória serviu muito tempo apenas para a navegação de cabotagem (transporte marítimo feito entre portos do próprio País). Só em 1940 a produção agrícola do Espírito Santo passou a ser exportada diretamente de Vitória.

O primeiro navio estrangeiro ancorou no porto em 1881. Até então, toda a produção de café era transportada para o Rio de Janeiro e, de lá, era negociada para o exterior. A exportação, importação e administração dos recursos gerados no comércio exterior também eram controlados no Rio de Janeiro.

O centralismo do comércio exterior atravancava o desenvolvimento do Espírito Santo. Até o final do Segundo Império e apesar da enorme circulação de dinheiro, o Porto de Vitória continuava sendo um simples cais de madeira. As instalações eram precárias.

As perspectivas do Porto de Vitória

só melhoraram com a visita de dom Pedro II, em 1860. Quatro anos mais tarde, após a instalação da Capitania dos Portos, foram feitas obras de melhoria. As reformas permitiram que navios de grande porte atracassem no cais. No final do século, o Espírito Santo começou a exportar açúcar, milho e arroz, além do café; e a importar tecidos.

## GUERRA

A construção do Porto de Vitória começou em 1911 e começou mal. A Companhia Inglesa C. H. Walker, contratada para o serviço, interrompeu os serviços

três anos depois por causa da Primeira Guerra.

Dez anos se passaram. Vários navios ficaram ao largo da baía, sem a possibilidade de atracação. Mesmo não possuindo aparelhamento técnico e com os navios operando ao largo, o Porto de Vitória já se destacava como o terceiro porto exportador de café.

As obras do porto foram retomadas em 1924. A melhoria da situação financeira do Estado permitiu ao governador Florentino Avidos retomar as obras. Daí

para frente, as obras do Porto de Vitória não mais se interromperam. Os armazéns, a linha férrea e o calçamento eram construídos e acabados, assim como o cais.

Os armazéns I e II ficaram prontos em 1929. A primeira seção do cais foi concluída em 1937, permitindo o ancoramento de navios de grande porte. Além disso foram instalados guindastes, pontes volantes e iluminação elétrica.

O término do aparelhamento do porto ocorreu durante a década de 30. Nesse período, a rede de comunicação com o interior também foi concluída. O Porto de Vitória foi organizado oficialmente em 1940. De acordo com Maria da Penha Siqueira, "o porto veio se expandindo fisicamente e crescendo economicamente até se tornar, nos anos 70, num pólo importante para o crescimento do Brasil e do Espírito Santo".

## Exportação direta só ocorreu nos anos 40

# Plano Diretor Urbano traz novas mudanças

*O novo PDU desburocratiza a ocupação do solo, numa cidade onde, a cada dia, fica mais difícil construir residências e lojas*



## novas mudanças

Antônio Moreira — 25/11/93

**V**itória vem se preparando para uma nova fase de crescimento. O Plano

Diretor Urbano (PDU), em vigor desde 6 de janeiro, trouxe várias mudanças nas regras de uso e ocupação do solo na cidade.

Um dos principais objetivos do novo PDU é adequar a legislação urbana ao novo perfil de emprego e mão-de-obra, hoje caracterizado pelo surgimento de inúmeras micro e pequenas empresas de comércio e prestação de serviços.

O novo PDU desburocratiza a ocupação do solo, numa cidade onde, a cada dia, fica mais difícil construir. Entre as novidades está a taxa de permeabilidade, uma exigência para que 10% da área

do terreno permaneça sem pavimento. A idéia é estimular o aumento de área verde na cidade.

Além disso, a Prefeitura de Vitória exigirá relatórios de impacto urbano para empreendimentos com mais de seis mil metros quadrados.

Outro problema atacado pelo novo PDU é o trânsito. O número de vagas em prédios comerciais deve aumentar. O plano exige agora que seja construída uma vaga a cada 50 metros quadrados de construção. Antes, a exigência era uma vaga a cada 80 metros quadrados. E os prédios-garagem construídos em zonas comerciais vão receber isenção de 10 anos no IPTU.

Para facilitar a abertura de micro e pe-

A prefeitura tenta acabar com o congestionamento de veículos na cidade, principalmente na Praia do Canto, Zona Norte

quenas empresas, o plano permite a instalação de empresas de serviços em residências, desde que não causem problemas aos vizinhos. Agências de publicidade e empresas de informática são dois exemplos. A nova norma segue uma tendência mundial, já que os avanços em telecomunicações e informática devem estimular o trabalho em casa.

O PDU começou a ser elaborado em 1984. O conselho responsável por sua redação era formado por 16 representantes de empresas, órgãos públicos e entidades da cidade de Vitória.



## Pesquisa revela óbitos


Vitória possui o melhor Indicador de Swaroup—Uemura da Grande Vitória: 61,47%. O índice calcula o percentual de pessoas que morrem com mais de 50 anos. O cálculo é feito dividindo-se o número de óbitos de pessoas com 50 anos ou mais pelo número total de óbitos. Essa média é superior à do Estado, que ficou em 60,06%.

Vila Velha vem em segundo lu-

gar. Em 1993, segundo dados do DEE, o indicador do município foi de 61,98%. A Serra tem o pior índice. Apenas 47,58% dos óbitos registrados em 1993 eram de pessoas com mais de 50 anos. Em Cariacica, o indicador ficou em 55,77%. Em Viana, 50,21%. Em países considerados desenvolvidos o índice de Swaroup-Uemura apresenta valores entre 70% e 80%.

# Região Metropolitana, urbana ou doméstica merece solidez.

## NASSAU

CIMENTO NASSAU  UM CAPIXABA FORTE

# Viana se tornou paraíso dos portugueses

A região onde estão Viana e Cariacica foi descoberta pelos portugueses no final do século XVI. Os primeiros expedicionários chegaram através da Barra do Jucu. Encontraram índios em Cariacica e terras desabitadas em Viana. Os jesuítas vieram logo depois. Foram eles que povoaram a região.

Os membros da Companhia de Jesus levaram índios para a fazenda Araçatiba (futura Viana). Junto com os negros, os índios trabalharam na abertura de minas e na instalação de engenhos de açúcar. Em pouco tempo, Araçatiba se tornaria uma das maiores fazendas da costa brasileira, com um total de 800 empregados. Seus limites se estendiam por uma área hoje correspondente aos municípios de Vila Velha, Guarapari, Viana e Cariacica. A fazenda foi administrada pelos jesuítas até 1760, ano em que foram expulsos do Brasil.

Em "A Obra dos Jesuítas no Espírito Santo", Heribaldo Balestrero conta que a fazenda foi seqüestrada pela Coroa Portuguesa e comprada pelo coronel de Ordenanças Bernardino Falcão de Gouveia Vieira Machado. No final do século, a propriedade pertenceu ao coronel Sebastião Vieira Machado, que fez parte da junta governativa da Capitania em 1822.

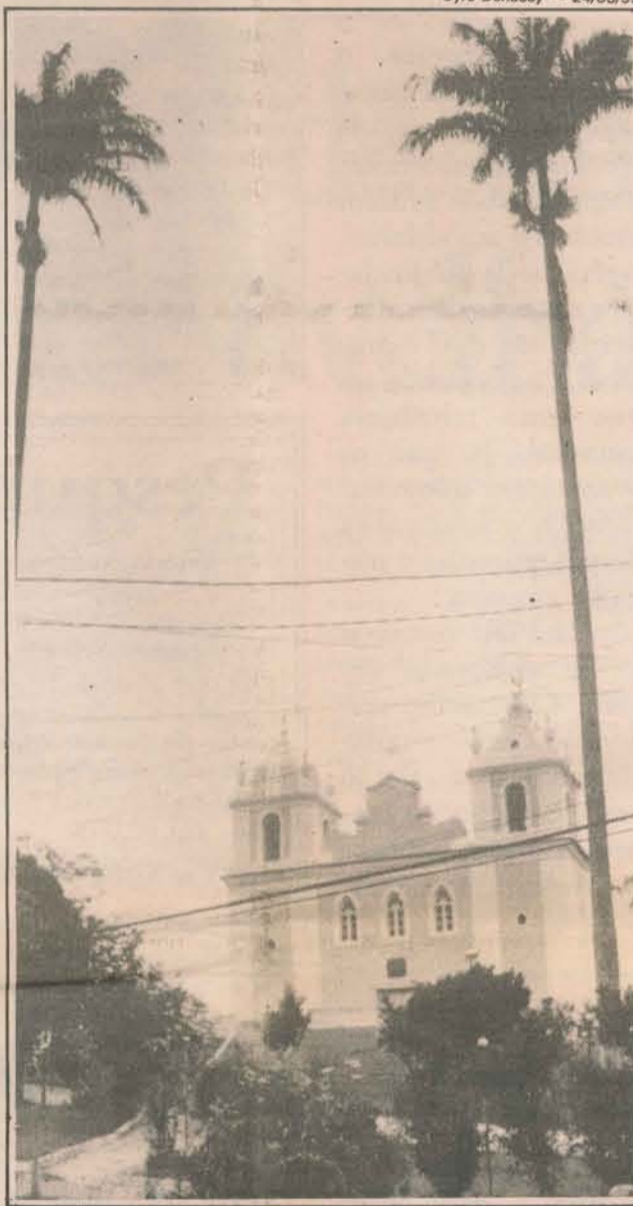
O ciclo de imigração européia no País começa com a vinda de colonos açorianos para Viana em fevereiro de 1813. Cerca de 55 casais receberam sesmarias, às margens da estrada em construção que ligaria Vitória a Minas Gerais. Instalados, os colonos começaram o cultivo de trigo, arroz, milho e do bicho-da-seda.

O arquipélago de Açores — formado por nove ilhas — foi descoberto e incorporado ao reino de Portugal no século XV. Sem índios e com um território pequeno, Açores foi facilmente colonizado. Lá os portugueses implantaram o sistema de Capitania He-

**No final do século XVI, o município começou a ser ocupado. Lá, os portugueses, que vieram da Ilha dos Açores, encontraram índios**



Cyro Denaday — 24/05/95



Na praça principal de Viana se localiza a igreja

reditárias com bons resultados. A região tornou-se próspera e virou modelo para o sistema de colonização adotado no Brasil.

A vinda dos açorianos contou com a ajuda de Paulo Fernandes Viana, tio do então governador Francisco Alberto Rubim e intendente geral da polícia de Dom João VI (cargo equivalente a de um ministro de Estado).

Fernandes Viana nunca deixou de auxiliar a colônia durante o tempo em que permaneceu na Corte. Parte dos recursos de sua intendência foi utilizada na construção da igreja e do cemitério do povoado. As casas dos colonos, do capelão e do cirurgião levados ao povoado também foram financiadas pelo intendente geral da polícia.

A experiência, no início, foi um fracasso: os açorianos plantaram arroz nos alagadiços próximos às suas casas. O trabalho insalubre, o manejo errado da terra e o sol ardente tornaram a vida dos colonos insustentável. Muitos homens adoeceram e morreram em pouco tempo. As mulheres resistiram mais porque se ocupavam dos trabalhos caseiros.

O infortúnio dos açorianos não arrefeceu o processo de colonização européia. Em pouco tempo, novas levas — agora trazendo alemães e italianos principalmente — ocuparam a região das montanhas, perto de Viana. O crescimento dessas cidades acabou fazendo com que Viana diminuísse de extensão. A cidade, que já teve um território com mais de 30 léguas, ficou sem a região de

São Pedro do Rio Pardo com a criação de Cachoeiro de Itapemirim. Perdeu também toda a área que abrange os atuais municípios de Castelo, Muniz Freire e Júna.

Em 1893 foi a vez de Domingos Martins ficar com dois terços do território que havia sobrado. Novamente, em 1914, a cidade perdeu terras. Dessa vez para Cariacica e Guarapari.

Lei provincial de 30 de dezembro de 1837 elevou a paróquia à categoria de freguesia (equivalente hoje a um distrito). Em 1860, Dom Pedro II fez uma visita de oito horas e doou 800 mil réis para a construção da igreja matriz e para serem distribuídos aos pobres. Viana tornou-se município em 23 de julho de 1862. Na época, seu território era de 4.430 hectares.

## Zona rural conta com maior número de habitantes

Viana é a cidade da Grande Vitória com o maior número de habitantes na zona rural. De acordo com dados do Departamento Estadual de Estatística (DEE), referentes a 1993, a cidade possui 1.202 camponeses. A população total do município é de 45.085 pessoas.

A cidade, no entanto, é a segunda colocada na taxa média de crescimento. Na década de 80, Viana cresceu 5,8% ao ano. A Serra — campeã — cresceu 9,3%. O município teve uma taxa duas vezes maior que as de Vitória e Vila Velha e 1,5% acima da de Cariacica. A taxa de urbanização da cidade já ultrapassa 84% do território.

A economia da cidade vai sentindo os efeitos do crescimento acelerado. O déficit habitacional já é de 6.783 casas. "Viana vem se tornando cidade-dormitório de Cariacica", teoriza o diretor-superintendente do Instituto Jones dos Santos Neves, Fernando Sanchotene.

Houve uma pequena queda na participação do município na arrecadação total de ICMS. Em 1993, os cerca de US\$ 4 milhões arrecadados equivalem a 3,09% do total recolhido no Estado. Em 91, Viana era responsável por 4,07% da arrecadação do Espírito Santo. Viana possui 32 indústrias e 351 estabelecimentos comerciais.

Viana mantém um clima rural. A cidade também possui a menor densidade demográfica da Grande Vitória: 137,45 habitantes por km<sup>2</sup>. Metade da população ainda não têm água encanada e apenas oito mil pessoas tem ligação de esgoto. O consumo de energia não ultrapassa os 72 mil kwh. A produção de lixo, levando-se em conta dados de 1992, é de 17 toneladas por dia.

## Cidade dá nome a intendente que foi ministro do rei

Francisco Alberto Rubim governou a capitania de 1812 a 1819 e era sobrinho de Paulo Fernandes Viana. Para ele, isso foi um privilégio. Carioca e formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Viana foi intendente geral da polícia do príncipe regente (equivalente a um cargo de ministro de Estado) e interferiu diretamente na vinda dos açorianos para o Espírito Santo.

Fernandes Viana era desembargador e já tinha sido ouvidor geral do Crime, antes de se tornar intendente da polícia. Sua proximidade com Dom João VI permitiu que ele participasse ativamente de alguns episódios importantes da história do País, como a criação do Banco do Brasil, e fosse um homem influente na época.

O azar de Viana é que

Dom João VI voltou para Portugal. O príncipe regente, Dom Pedro, não gostava do intendente e, assim que a nau de seu pai deu as costas para o Brasil, demitiu Fernandes Viana.

Segundo registros, Dom Pedro não parou aí: além de demitir o intendente, ainda mandou derrubar todas as árvores e destruir o jardim de Campo de Sant'Ana, pelo qual Viana tinha muito apreço.

Vítima de uma congestão cerebral, Paulo Fernandes Viana morreu no Rio de Janeiro no dia 2 de maio de 1821, aos 64 anos. Alguns historiadores dizem que Viana morreu de desgosto, por causa das atitudes de Dom Pedro. Anos depois, a ex-fazenda Araçatiba passaria a ser chamar Viana, em homenagem ao intendente.

# Origem do Mochuara ainda causa polêmica

**Os historiadores levantam três hipóteses para a origem da palavra. Cariacica é outro termo que deixa dúvidas sobre o significado**



lenda diz que, em noites de lua cheia, o Mochuara se comunicava com o Mestre Álvaro.

A terceira versão para a origem do nome indicam que ele teria se derivado da palavra francesa Mouchoir, que significa lenço. O nome teria sido dado por navegadores franceses que teriam avistado o monte num dia de muita neblina. A espessura da neblina teria dado um aspecto de um grande lenço ao Mochuara. Um dos rios que descem do Mochuara leva o nome de Cariacica.

Cyro Denaday - 05/11/90



A Ceasa atende 20 mil pequenos e médios produtores

Como a palavra Cariacica, Mochuara é uma corruptela (palavra que se escreve ou se pronuncia erradamente). Os historiadores levantam três hipóteses para a origem do nome do monte. O Mochuara tem 718 me-

tros, é o segundo ponto mais alto da Grande Vitória. O primeiro é o Mestre Álvaro, na Serra, com 820 metros.

A primeira hipótese colocada pelos historiadores é de que o nome deriva das palavras indígenas. Monchuar ou Muchoar, que signifi-

cam veio de diamante. O brilho do maciço, uma pedra escura, nos dias de muita luz justificariam esse nome.

Outra hipótese é que a palavra tenha se originado de Muchuara, também uma palavra indígena, que significa pedra irmão. Uma antiga

## Uma expansão desordenada

Cariacica foi a cidade que mais sofreu com a falta de planejamento e com a expansão desordenada da década de 70. É a mais populosa, com o maior déficit habitacional e com os piores índices sócio-econômicos da Região Metropolitana.

Levantamentos do DEE registram que 150 loteamentos estão em situação precária. Vinte deles são clandestinos. Cerca de 20% do território sofreram uma ocupação desordenada. Resultado: o déficit habitacional chega a 37 mil casas, o maior das cinco cidades. A taxa de urbanização no município atinge 98% do território.

O atendimento de rede de esgotos também é pífio. Dos 289.289 cidadãos, apenas 652

têm o privilégio de possuir esgotamento sanitário. Cerca de 240 mil pessoas recebem água encanada em suas casas.

Na cidade existem 125 escolas de 1º e 2º graus. O Estado cuida de 66 delas; o município administra outras 48 escolas; e a rede particular é formada por 11 estabelecimentos. Um pouco mais de 4,5 mil pessoas vivem na zona rural.

Cariacica é responsável por 7,34% da arrecadação de ICMS do Espírito Santo. Em 1993 foram recolhidos US\$ 9,660,770.99. O consumo de energia é calculado em 366.037.873 kwh. Grandes empresas estão instaladas na cidade, como a Águia Branca e Braspérola. Ao todo, 583 indústrias funcionam na região.

A Ceasa foi transferida

para Campo Grande em 1977. Na época, fazia parte do Sistema Nacional de Centrais (Sinac), ligado à União. Hoje, a Ceasa é uma sociedade anônima de economia mista, vinculada ao governo do Estado.

Atualmente a Ceasa atende 20 mil pequenos e médios produtores e gera 10 mil empregos diretos. A comercialização de produtos é de 30 mil toneladas por mês. Os negócios somam US\$ 120 milhões por ano.

A Ceasa desenvolve ainda o Programa de Abastecimento. Através do programa, 48 mil famílias compram alimentos 30% mais baratos que os preços do mercado. São comercializadas 384 toneladas por mês.

A maior parte da produ-

ção de hortifrutigranjeiros de Viana, Cariacica e da região montanhosa é comercializada pela Ceasa. Apenas a produção de banana de Cariacica tem parte de sua produção negociada por empresas particulares. Cerca de 40% da safra são distribuídos por empresas como a Estrela D'Alva, Banana Real, Araponga e Casas Sendas.

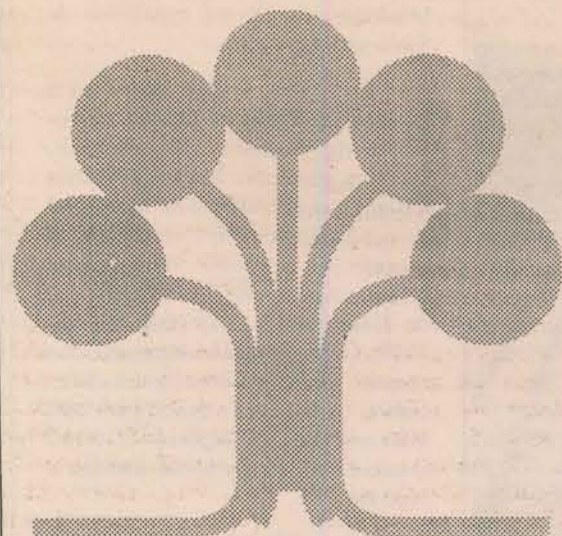
A produção de banana — principal atividade agrícola de Cariacica — atinge 6,6 mil toneladas por ano e corresponde à oitava produção do Estado. Cariacica é a maior produtora de ovos de codorna do Estado. A cidade ocupa também o primeiro lugar na produção de cebolinha. O município possui 815 propriedades agrícolas. A maior parte pertence a pequenos proprietários.

**A criança abandonada vai de uma cidade pra outra. E nunca tem a cidadania.**

A criança sai da Serra e vai pra Vitória. Sai de Vitória e vai pra Vila Velha. Sai de Vila Velha e vai pra Cariacica. Sai de Cariacica e vai pra Viana.

Assim, nesse ritmo de quadrilha, o problema vai se agravando em círculo vicioso.

A implantação da Região Metropolitana da Grande Vitória, com a ação integrada das prefeituras e do governo, pode encontrar a solução. Ela começa na escola e tem seu ponto alto na conquista da cidadania.



**REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA**

**ESPIRITO SANTO**  
GOVERNO DO ESTADO

# “Carijatica”: chegada de brancos foi no século XVI

**Os jesuítas chegaram em Cariacica e logo foram organizando as primeiras fazendas e erguendo os engenhos de açúcar**



Cariacica é uma variação da palavra “carijatica”, que significa chegada do branco. Os índios que habitavam a região viram os primeiros brancos no século XVI. Os portugueses descobriram o local subindo o rio Jucu. Os jesuítas chegaram logo depois e foram organizando as primeiras fazendas e erguendo engenhos de açúcar. Como

em toda colônia, o açúcar seria o principal produto de exportação.

Os jesuítas trouxeram também o algodão, que passou a ser produzido na região e abastecer as tecelagens manuais da capitania. O trabalho dos jesuítas e o plano de recuperação do governador Francisco Alves Rubim foram os responsáveis pelo desenvolvimento da região. Rubim mandou abrir es-

tradas até o Porto de Vitória e fundou quartéis para proteger os colonos.

A terceira “carijatica” aconteceu em 1829. Imigrantes alemães, em sua maioria, vieram por conta do contrato feito pelo governo com a Coroa. No ano seguinte já somavam cerca de 400 pessoas. Ao contrário de outras regiões, os imigrantes não ganharam terras de imediato. O governo preferiu utilizá-los

na limpeza da estrada que ligava Vitória a Minas Gerais. Mais tarde, foram empregados na manutenção da estrada de ferro Vitória x Minas.

Uma série de sesmarias foi distribuída durante o Segundo Império. As sesmarias eram lotes doados a colonos europeus. Vasco Fernandes Coutinho foi o primeiro a fazer doações. Assim que chegou ao Espírito Santo distribuiu terras para três de seus tripulantes: Jorge de Menezes, Valentim Nunes e Duarte de Lemos.

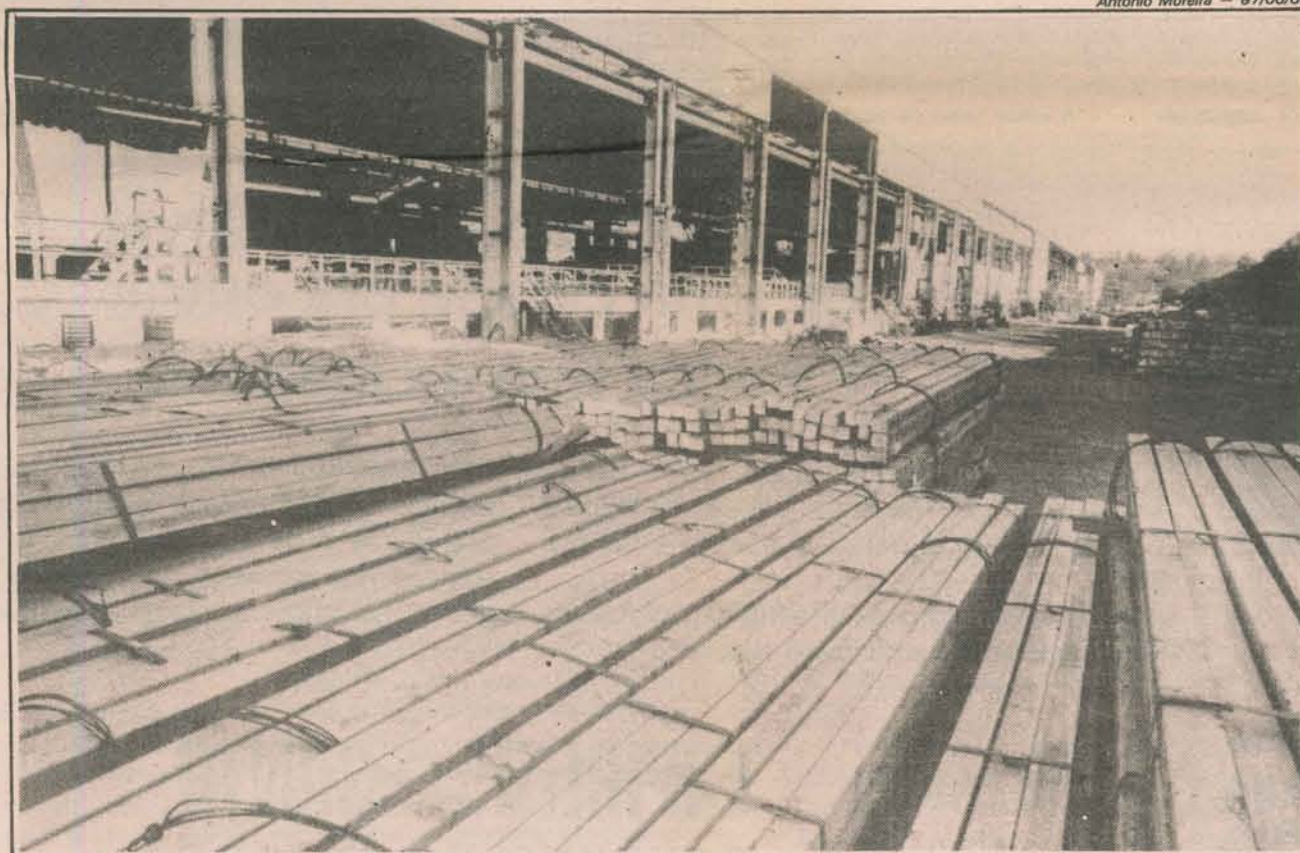
O povoado virou freguesia em 1837 e passou a se chamar São Batista de Cariacica. Em novembro de 1890 foi desmembrado de Vitória e em 30 de dezembro tornou-se município.



Cariacica é dona de uma das maiores produções de banana.

## Município conta com mais de 400 indústrias

Antonio Moreira — 07/08/88



Em 1956 a Cofavi (Companhia Ferro e Aço de Vitória) passou a integrar o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek. A empresa deu início ao pólo industrial de Cariacica, que hoje é desenvolvido

A Companhia Ferro e Aço (Cofavi) deu início ao pólo industrial de Cariacica, hoje o terceiro maior da Grande Vitória, com 473 indústrias. A Cofavi foi fundada em 1942 e possuía um forno a carvão vegetal, com capacidade de produção de 12 mil toneladas de ferro gusa por ano.

Em 1956, a Cofavi passou a integrar o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek, que estabelecia uma produção anual de dois milhões de toneladas de aço laminado em todo o País. O projeto de expansão da empresa foi aprovado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDE) em 1959. O projeto, dividido em duas etapas, previa o aumento da capacidade de produção anual para 380 mil toneladas de lingotes e 310 mil toneladas de perfis leves, médios e pesados.

Em 1989, a empresa foi privatizada. A Duferco Trading foi a única a participar da compra da Cofavi.

# Mestre Álvaro deu origem à Serra



A CST, que fez parte da primeira safra de privatizações do governo Collor, reverteu seus índices de produtividade. Na Serra existem também outras grandes indústrias

## REGIÃO METROPOLITANA

O jesuíta Brás Lourenço chegou à cidade no fim de 1556

## CST voltou a dar lucro

A Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) faz parte da primeira safra de privatizações do governo Collor, realizadas em 1991. Em três anos, ela reverteu seus índices de produtividade. O faturamento saltou para US\$ 949,6 milhões, contra pouco mais de US\$ 830 em 91. A companhia também conseguiu sair de um prejuízo de US\$ 19 milhões. No ano passado, os lucros voltaram a aparecer: foram de US\$ 286,6 milhões.

Com as contas equilibradas, a CST cuida agora de aumentar a produção. Até 1998 estão calculados investimentos de US\$ 700 milhões. Só em 95 serão aplicados US\$ 187 milhões para iniciar a expansão da produção para 4,5 milhões de toneladas de placas de aço. Uma tonelada a mais do que a empresa produz na atualidade.

As placas são produtos semi-acabados, compradas por outras empresas que as transformam em chapas para aplicação industrial. Além de aumentar a produção, a companhia desenvolve estudos para adaptar parte

de seu parque à produção de laminados e entrar na disputa com a Usiminas e a Acesita.

A CST é responsável por 13% da produção nacional de aço e está entre os 10 maiores exportadores do País. Foi criada em 1976, com capital brasileiro, japonês e italiano.

A companhia também é uma das administradoras do Porto de Praia Mole, junto com a Usiminas e a Açominas. A capacidade de embarque em Praia Mole é de seis milhões de toneladas por ano.

Da privatização da empresa, em 1991, participaram os bancos Bozano e Unibanco, a Companhia Vale do Rio Doce, a Kawasaki do Japão e o grupo italiano Ilva.

### CIVIT

O Centro Industrial de Vitória (Civit) foi o primeiro pólo industrial da Grande Vitória. Criado em 1976 — de uma idéia iniciada nos anos 60 — o Civit ocupa uma área de seis milhões de metros quadrados. Hoje, cerca de 60 indústrias estão instaladas no

pólo, localizado no planalto de Carapina, a 3,2 quilômetros da BR 101.

Os primeiros estudos para a instalação do Civit são de 1961, quando a Federação das Indústrias do Espírito Santo apresentou uma proposta ao governo: a construção de um parque industrial no planalto de Carapina. Em 1969, o então governador Christiano Dias Lopes criou a Coordenação do Planejamento Industrial (Coplan) e contratou estudos de viabilidade para a construção do Civit. O estudo apontou novamente o planalto de Carapina como o local ideal para a construção do centro.

As atividades no Civit são diversificadas. Os destaques são as indústrias de transformação, material elétrico, alimentos, metalúrgica e metal-mecânica. A Superintendência dos Projetos de Polarização Industrial (Suppin) é a responsável pela administração das duas partes: Civit I (com 1,7 milhão de m<sup>2</sup>) e Civit II (com 4,9 milhões, inaugurada no início dos anos 80).

O jesuíta Brás Lourenço chegou ao pé do Mestre Álvaro em meados do século XVI. Ali, fundou uma aldeia, em dezembro de 1556, e resolveu lhe dar o nome de Nossa Senhora da Conceição da Serra, porque era dia de Nossa Senhora e porque o local escolhido ficava no sopé do monte (serra). A região era povoada pelos índios Goitacás.

A catequese dos índios era o principal trabalho do padre. Os portugueses que o seguiam trataram de erguer as primeiras fazendas e de construir os primeiros engenhos de açúcar. Foi com a cana-de-açúcar que a região se desenvolveu e até o término do ciclo da cana-de-açúcar, em 1889, essa seria a principal atividade do município. No fim do século XIX, o café substituiu a cana.

A Serra foi elevada a cidade em 2 de dezembro de 1875, data do aniversá-

rio do imperador Dom Pedro II. Em 1869, os limites entre Serra e Vitória foram demarcados.

A Igreja de Nossa Senhora de Conceição foi erguida em 1769. Ao longo dos séculos, a construção passou por reformas e perdeu alguns de suas características arquitetônicas. O telhado e o piso foram trocados.

As principais comemorações religiosas são o São Sebastião, em 20 de janeiro; Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro; e São Benedito também em dezembro.

A festa de São Benedito era uma comemoração dos escravos. Segundo consta, um navio negreiro naufragou perto da região. Os negros evocaram então a ajuda de São Benedito e toda a tripulação sobreviveu. A forma de agradecimento dos naufragos foi puxar o mastro do navio, atrelado a um boi, pelas ruas da cidade.

# Certas obras marcam época. Outras ficam na história.

## NASSAU

CIMENTO NASSAU

NASSAU

UM CAPIXABA FORTE

# Serra é o município que mais se desenvolve

A13675-16

**Na última década, a taxa de crescimento foi de 9,4%, quase três vezes maior que a média da Grande Vitória**



produzidas diariamente. Outro: 74 mil pessoas são atendidas com rede de esgoto, um número comparativamente alto numa região onde o esgotamento não atinge 15% da população. Cerca de 235 mil pessoas têm água tratada.

O ICMS da Serra também é o segundo maior da Grande Vitória. A cidade possui 434 indústrias e mais de 3.500 estabelecimentos comerciais (responsáveis por 60% da arrecadação). Em 1993, foram recolhidos US\$ 9,057,258.77 com o imposto. Isso representa 14,3% do total arrecadado na Grande Vitória e 6,88% no Estado. A cidade consome 392,5 milhões de kwh.

De acordo com os dados do DEE, a Serra possui 182 escolas: 58 são estaduais, 66 municipais e 58 particulares.

**A** Serra foi o único município da Grande Vitória que manteve os índices de desenvolvimento dos anos 60 e 70. Na última década, a taxa de crescimento foi de 9,4%, quase três vezes maior que a média da região, que foi de 3,8%.

Em 1993, a população total era de 240.376 habitantes. Apenas 705 pessoas ainda viviam na zona rural. O déficit habitacional foi calculado em 23.486 casas.

A cidade ocupa o segundo lugar em alguns índices. Um exemplo: 110,7 toneladas de lixo são

Cyró Denaday - 24/04/95



O congo, que também é tradição em Cariacica e em bairros de Vitória, é outro destaque da cultura popular da Serra. A comemoração se dá sempre com gente alegre, que não mede esforços para mostrar a sua história

## Igreja dos Reis Magos: a tradição

A Igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, é o único monumento histórico que não sofreu modificações arquitetônicas. Construída pelos jesuítas em 1558, mantém até hoje as características em suas três partes: igreja, residência e praça.

A igreja possui uma das mais antigas peças sacras do Brasil. O quadro dos Reis Magos, pintado pelo frei Belchior Paulo. Nascido em Portugal, o frei Belchior ingressou na Companhia de Jesus em 1582. Veio para o Brasil em 1587,

na companhia de outros missionários. Até 1619 dedicava-se ao ensino, dando aulas em vilarejos no interior do País. A partir daí, o frei trocou a educação pela pintura. Belchior Paulo é considerado o artista plástico que iniciou a pintura no Brasil, já que as obras anteriores às suas não tiveram seus autores identificados.

Nova Almeida foi fundada pela Coroa Portuguesa após a expulsão dos jesuítas, em substituição ao antigo aldeamento. A aldeia de Reis Magos havia sido fundada por jesuítas em 1580.

Nova Almeida é uma das várias praias dos 23 km de litoral da Serra. Divide a fama e a preferência dos turistas com Jacaraípe e Manguinhos, que fica a 30 km de Vitória e funciona como bairro residencial para vários profissionais que trabalham na capital. É um dos poucos recantos, numa região onde as praias ficam lotadas.

Jacaraípe é conhecida como a praia dos surfistas e já foi vila de pescadores. É um dos poucos lugares na Grande Vitória onde o Carnaval fica animado.

## Queimado foi a 1ª revolta negra da Serra

No livro "Insurreição do Queimado", o historiador Afonso Cláudio define o vigário Gregório José Maria de Bene como um "homem tíbio e covarde". Um dos personagens da revolta negra no distrito de São José do Queimado, localizado na margem esquerda do Santa Maria da Vitória, Bene agiu mesmo com tibieza. Os fatos confirmam essa suposição.

Primeiro: o vigário prometeu aos escravos liberdade em troca da construção de uma igreja. No início, acreditando em Gregório Bene, os negros passaram a trabalhar dia e noite, inclusive aos domingos, para erguer a igreja.

Segundo: em seus sermões, como registram alguns documentos do inquérito que apurou o caso, Gregório Bene defendia a abolição e incitava os negros a rebelar-se contra seus patrões.

Terceiro: o vigário mudou o sermão no dia em que a igreja ficou pronta. Não sendo dono dos escravos, ele não tinha poderes para libertá-los. Bene resolveu "lavar as mãos".

E é nesse momento que começa a Insurreição. Os negros se revoltaram em março de 1849. Mas começaram a se organizar um tempo depois do início da construção da igreja. Desconfiando da boa-fé do vigário, os escravos João da Viúva Monteiro, Domingos Corcunda, João Pequeno, Elisário, Carlos e Chico Prego prepararam a Insurreição. Os líderes cuidaram de conseguir armas e de reunir os escravos na Serra e vizinhanças.

A Insurreição do Queimado durou dois dias. Trinta e seis escravos foram presos e julgados. Seis foram absolvidos e 25 foram condenados ao açoite — com penas que variavam de 300 a mil chibatadas. Os cinco líderes da Insurreição foram condenados à forca.

Pouco tempo depois, três dos condenados à morte conseguiram fugir. Só Chico Prego e João da Viúva Monteiro não tiveram a mesma sorte. Foram enforcados dias depois da fuga de seus companheiros...

Elisário, Carlos e João Pequeno refugiaram-se no Morro do Negro, nos limites de Viana e Cariacica. Com fome e vitimados pela tuberculose e a anemia, os três não sobreviveram por muito tempo.